

Concepções de desenvolvimento infantil e metas de socialização maternas em contexto não urbano

Lucivanda Cavalcante Borges. Universidade Federal do Vale do São Francisco.
Nádia Maria Ribeiro Salomão. Universidade Federal da Paraíba.

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo identificar as concepções de mães sobre desenvolvimento infantil e as metas de socialização para seus filhos em um contexto não urbano. Utilizou-se uma entrevista semiestruturada e um questionário sobre os dados sociodemográficos com 30 mães de crianças na faixa etária entre 06 e 36 meses. As respostas das entrevistas semiestruturadas foram analisadas em categorias temáticas. Os resultados mostraram concepções positivas das mães em relação ao desenvolvimento de seus filhos, à valorização de cuidados com a saúde, afetividade, educação e socialização da criança, assim como metas orientadas para o modelo autônomo relacional de socialização, com estratégias mais centradas na figura materna. Esses resultados são discutidos, considerando a perspectiva cultural e contextual do desenvolvimento infantil, como também as características sociodemográficas dos participantes.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil; metas de socialização; contexto não urbano.

Abstract

Concepts of child development and maternal socialization goals in non-urban context. The present research aims to identify mothers' concepts of child development and socialization goals in a non-urban context. Participated 30 mothers of children ranging in age from 06 to 36 months. A semi structured interview and a questionnaire about socio demographic data were applied, the answers from the semi-structured interviews were analyzed by themes. The results showed positive conceptions of mothers about the development of their children, valuing health care, affection, education and socialization of children, as well as targeted goals for relational autonomous model of socialization, with more focused strategies in maternal figure. These results were discussed considering the cultural and contextual perspective of child development, as well as the socio-demographic characteristics of the participants.

Keywords: child development; socialization goals; non-urban context.

Resumen

Concepciones de desarrollo infantil y metas de socialización maternas en contexto no urbano. El presente trabajo tiene como objetivo conocer las concepciones de desarrollo infantil y las metas de socialización maternas para sus hijos en un contexto no urbano. Se utilizó una entrevista semiestruturada y un cuestionario sobre los datos sociodemográficos con 30 madres de niños en edades entre 06 y 36 meses. Las respuestas de las entrevistas semiestruturadas fueron analizadas en categorías temáticas. Los resultados mostraron concepciones positivas de las madres con relación al desarrollo de sus hijos, valoración de cuidados con la salud, afectividad, educación y socialización del niño, así como metas orientadas hacia el modelo autónomo relacional de socialización, con estrategias más centradas en la figura materna. Estos resultados fueron discutidos considerando la perspectiva cultural y contextual del desarrollo infantil, como también las características sociodemográficas de los participantes.

Palabras clave: desarrollo infantil; metas de socialización; contexto no urbano.

Os pais socializam os filhos de acordo com os valores e as normas culturais do contexto no qual vivem. Suas crenças, concepções e expectativas sobre o desenvolvimento da criança são organizadas culturalmente e influenciam as práticas educativas, assim como os resultados da socialização (Harkness & Super, 1994). No entanto, a relação entre o indivíduo e a cultura não é passiva; ambos se constituem mutuamente, por meio de um processo recíproco e bidirecional (Bornstein, 2012; Harkness & Super, 1994). De acordo com Rogoff (2005), a variação cultural pode fazer com que comunidades culturais distintas esperem diferentes competências das crianças em diferentes fases de seu desenvolvimento e se surpreendam com normas de desenvolvimento de outras comunidades, até mesmo considerá-las perigosas. Desse modo, conhecer as concepções, crenças e metas de socialização parental pode prover conhecimentos sobre o significado e implicações do comportamento parental para os processos de socialização da criança (Tamis-LeMonda et al., 2008).

Harkness e Super (1994) ressaltam a importância das crenças parentais na organização do ambiente físico e social da criança, assim como nas práticas de cuidado infantil. Esses autores defendem uma abordagem eco-cultural do desenvolvimento infantil, composto por três nichos interligados: o ambiente físico e social, as práticas de cuidado diário da criança e as etnoteorias parentais. O mediador focal dessa relação é a família, visto corresponder ao centro da vida da criança nos seus primeiros anos, mediando a sua experiência com a cultura mais ampla. O ambiente físico e social refere-se aos lugares e às pessoas que constituem o ambiente de desenvolvimento e aprendizagem da criança e que influenciam de forma bidirecional as interações das quais ela participa. As práticas de cuidado diário referem-se ao comportamento dos pais ou demais cuidadores, típicos da sua comunidade, em relação à criança. As etnoteorias parentais correspondem ao sistema de crenças, valores, metas de socialização e concepções que os pais desenvolvem em relação ao desenvolvimento infantil, parentalidade e família. Esse termo é originado da antropologia cultural e indica um conjunto organizado de ideias formadas por membros de um grupo cultural.

Para Bornstein (2012), as crenças têm importância para motivar, explicar, prever e mudar comportamentos parentais e regulam a maioria das interações criança-ambiente. O estudo das etnoteorias ou sistema de crenças parentais ajuda a compreender as práticas de cuidado e demais interações sociais entre pais e filhos.

No entanto, destaca-se que não há uma relação linear ou causal entre as etnoteorias e o comportamento parental, tendo em vista a interinfluência das características dos pais e das crianças, assim como aquelas relativas ao contexto social, econômico, educacional e histórico nos quais o indivíduo se insere.

A literatura tem apontado divergências na compreensão desses construtos. Conforme Seidl-de-Moura et al. (2004), apesar das divergências entre autores sobre como definir as cognições parentais, há um consenso de que essas medeiam as práticas de cuidado e comportamento parental. A importância dessa temática na área da psicologia do desenvolvimento refere-se principalmente às possíveis repercussões na qualidade do cuidado infantil e, conseqüentemente, no desenvolvimento da criança (Harkness & Super, 1994).

Segundo Bandeira, Seidl-de-Moura e Vieira (2009), as metas de socialização são entendidas como valores relacionados a comportamentos e estados finais que os pais desejam para seus filhos. Referem-se, assim, às expectativas e metas finais idealizados pelos pais aos seus filhos. Para Harkness, Super, Mavridis, Barry e Zeitlin (2013), as metas de socialização correspondem a um componente das etnoteorias parentais, compreendidas como modelos culturais compartilhados que orientam experiências, interpretações e objetivos a serem alcançados. Essas são desenvolvidas no contexto cultural, em um dado momento histórico e ajudam a explicar a organização do cuidado parental.

Estudos como os de Diniz e Salomão (2010) e Bandeira et al. (2009) têm destacado a importância das metas de socialização que os pais constroem para seus filhos, visto a influência que essas desempenham na escolha de estratégias de criação dos mesmos, configurando o desempenho do papel parental, e no próprio desenvolvimento infantil. Na psicologia do desenvolvimento, as metas de socialização também podem ser estudadas a partir dos modelos culturais do self: independente, interdependente e autônomo-relacional (Kagitcibasi, 2005). O modelo cultural independente caracteriza o self como individualizado, valorizando metas e interesses pessoais. Esse modelo seria típico de sociedades urbanas e industrializadas, que valorizam a autonomia e o sucesso do indivíduo. O segundo modelo, interdependente caracteriza o self como ligado aos demais membros do grupo social e com metas voltadas para o interesse do coletivo. Esse modelo seria característico de sociedades rurais, baseados em economia de subsistência. Por fim, o modelo autônomo relacional engloba as características

dos demais modelos apresentados e caracteriza o self como autônomo em relação a suas ações e relacional quanto à proximidade interpessoal. Tal modelo seria típico de sociedades urbanas, em famílias de classe média. Kagitcibasi (2012) defende a dialética de coexistência de diferentes modelos culturais dentro de qualquer grupo cultural, considerando-os construtos multidimensionais.

Para Keller (2012), o modelo de autonomia e relação corresponde a necessidades humanas básicas e varia conforme as demandas do contexto em particular. Ainda de acordo com essa autora, o contexto que demanda o desenvolvimento desses modelos não se refere ao país ou sociedade, mas às suas características sociodemográficas. Desse modo, famílias em contexto não urbano, com economia baseada na agricultura de subsistência, necessitam de cooperação entre seus familiares e grupos sociais e, portanto, tendem a priorizar na educação dos filhos a relação, em termos de responsabilidade social, e a autonomia comportamental. Nesse contexto, os pais estimulam precocemente o desenvolvimento físico de seus filhos, para que os mesmos possam ajudar no desempenho das atividades familiares.

A relação entre as metas de socialização parental e os modelos culturais do self evidencia a influência da cultura nas etnoteorias parentais e no desenvolvimento infantil, atribuindo importância à realização de estudos em diferentes contextos de desenvolvimento, sobretudo devido à predominância de pesquisas com famílias norte-americanas, europeias, australianas e da Nova Zelândia, concentradas em grupos específicos, escolarizados, urbanos e industrializados (Henrich, Heine, & Norenzayan, 2010). No caso do Brasil, observa-se nas últimas décadas o crescente interesse de estudos sobre socialização infantil e contexto de desenvolvimento (Diniz & Salomão, 2010; Kobarg & Vieira, 2008; Macarini, Martins, Sachetti, & Vieira, 2010; Ramos, Seidl-de-Moura, & Pessôa, 2013; Ruela & Seidl-de-Moura, 2007). Os modelos culturais variam não só de acordo com as diferenças em relação a um país, ou uma etnia, mas também podem incluir diferenças na influência de características sociodemográficas como escolaridade, sexo, idade (Kagitcibasi, 2005; Seidl-de-Moura et al., 2004), nível socioeconômico e localidade urbana e não urbana (Kobarg & Vieira, 2008; Ruela & Seidl-de-Moura, 2007), por exemplo. Essa diversidade intracultural interage com a cultura mais ampla e influencia a construção de crenças, concepções, metas de socialização e formas de interagir com as crianças.

Considerando a importância da diversidade cultural para o estudo do desenvolvimento infantil, destacamos neste estudo o contexto não urbano e a influência de suas características na construção de concepções de desenvolvimento, metas e estratégias de socialização relacionadas às crianças. A esse respeito, Kobarg e Vieira (2008) realizaram uma pesquisa sobre a correlação entre as crenças e práticas de cuidado materno com 77 mães de zona urbana, com baixa e elevada escolarização, e mães da zona rural, com baixa escolarização. Os resultados mostraram que as mães da zona urbana, com maior escolarização, valorizaram mais o fator estimulação dos filhos (expor o filho a diferentes estímulos) e as mães da zona urbana e zona rural com baixa escolarização valorizaram mais a apresentação apropriada do bebê em público e o fator disciplina. Tais achados apontam a influência do nível de escolaridade sobre as crenças parentais, corroborando outros resultados encontrados na literatura (Seidl-de-Moura et al., 2004). Ruela e Seidl-de-Moura (2007) também investigaram as crenças um grupo de mães da zona rural e o ambiente físico e social proporcionados aos seus filhos. Os resultados mostraram que as mães valorizaram mais as metas relacionadas ao desenvolvimento do potencial pessoal, físico e econômico dos mesmos, desde que essas estivessem associadas às expectativas sociais do contexto sociocultural em que vivem.

Esses resultados sugerem que as condições de vida e o contexto sociocultural têm implicações diferenciadas no que as mães pensam sobre práticas parentais e desenvolvimento infantil. No entanto, não implica que um contexto seja melhor que o outro, pois a otimização do desenvolvimento infantil depende muito das características da relação estabelecida entre os participantes da interação. Para Salomão (2012), as metas de socialização dirigidas aos filhos influenciam os processos interacionais entre estes e seus pais, como as práticas de cuidado/educação traçadas pelos pais e, por sua vez, têm impacto significativo sobre a qualidade do desenvolvimento infantil. Ademais, a concepção dos pais sobre seus filhos, sobre as formas como os educam e interagem com os mesmos são construídas através da relação bidirecional entre o indivíduo e seu contexto sociocultural (Bornstein, 2012).

Os termos crenças, concepções e cognições parentais têm sido utilizados como terminologias para referir-se ao objeto de estudo em questão, não havendo um consenso sobre os mesmos. Neste trabalho, o termo crenças parentais será substituído por concepções

parentais, visto que o termo crenças denota a noção de convicção, como um conhecimento estático e acabado (Goodnoow, 1988).

Diante do exposto, considera-se que, para compreender os processos de socialização e desenvolvimento humano, é imprescindível a análise do contexto sociocultural em que o indivíduo se encontra inserido, pois esse é uma importante fonte de informação que pode variar significativamente de um grupo cultural para outro. O contexto de socialização a ser considerado neste estudo é o não urbano, mais especificamente aqueles cujas famílias estão inseridas em projetos de agricultura familiar. Esse contexto tem sido frequentemente percebido como menos desenvolvido que o urbano, como se o processo de industrialização e tecnologia não o contemplasse (Albuquerque & Pimentel, 2004). Decerto, no que tange à agricultura familiar, o avanço tecnológico não tem a mesma expressão como nas grandes propriedades. No entanto, como apontado por Simione (2010), é consensual a importância que a agricultura familiar representa na geração de emprego e renda no meio rural brasileiro e, portanto, é foco central das políticas públicas de desenvolvimento rural. Outrossim, as crescentes alterações socioeconômicas e políticas que envolvem esse contexto repercutem na dinâmica familiar, um dos principais agentes de socialização da criança e, conseqüentemente, traz implicações para o desenvolvimento infantil. A partir dessas considerações, o presente trabalho objetivou conhecer as concepções de desenvolvimento e metas de socialização maternas relacionadas aos seus filhos em um contexto não urbano do estado de Pernambuco.

Método

Participaram desta pesquisa 30 mães com idade entre 17 e 42 anos, todas com pelo menos um filho na faixa etária entre 06 e 36 meses de idade, que residiam em área não urbana do município de Petrolina/PE, caracterizadas pelo modelo de produção agrícola familiar. A tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos dos participantes.

Observou-se que a maioria das mães tinha idade entre 17 e 27 anos (60%), era casada (40%), tinha o 2º grau completo (40%), não trabalhava (80%) e tinha filho único (46,6%). Em relação à renda familiar, essa se apresentou em torno de um salário mínimo (na época da pesquisa, correspondente ao valor de R\$ 724,00).

Tabela 1. Dados Sociodemográficos das Mães (n = 30)

Faixa etária das mães	f	%
17-27 anos	18	60
28-38 anos	10	33,3
39-49 anos	02	6,7
Estado civil		
Casada	12	40
União estável	11	36,7
Separadas	04	13,3
Solteiras	03	10
Escolaridade		
Fundamental I	04	13,3
Fundamental II	06	20
2 grau incompleto	08	26,7
2 grau completo	12	40
Ocupação		
Não trabalham	24	80
Fazem bico	04	13,3
Trabalham	02	6,7
Nº de filhos		
Filho único	14	46,6
02 a 04 filhos	13	43,4
05 a 07 filhos	03	10

Contexto da pesquisa

Petrolina está situada no extremo oeste de Pernambuco, a 730 km da capital Recife, na região do semiárido. É considerada a 6ª maior economia do estado. Possui uma população de 294.081 habitantes (IBGE, 2010). O município de Petrolina está inserido no Vale do Submédio São Francisco, região que agrupa municípios dos estados brasileiros de Pernambuco e Bahia e que tem economia predominantemente agrícola, caracterizando-se pela forte presença do rural, apesar do acelerado crescimento urbano. De acordo com o senso do IBGE, realizado em 2010, o número de famílias residentes em domicílios particulares da zona não urbana ou rural de Petrolina/PE é de 19.248. De uma população total de 294.081 nesse município, 25,42% residem em contexto não urbano.

Em função dos graves problemas gerados pela seca nas regiões do semiárido e na conseqüente tentativa de melhorar a situação social e econômica da população dessas localidades, o governo criou em 1980, por meio da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF), os perímetros de

irrigação nessas regiões, dentre os quais se destacam o polo Petrolina/Juazeiro, considerado o mais próspero na região nordeste. Atualmente, existem sete perímetros funcionando nesse polo, os quais integram o maior exportador de frutas e segundo maior vitivinicultor do Brasil. Os perímetros implantados pelo governo contemplam áreas de empresa e áreas exploradas por produtores familiares, também conhecidas como áreas de colonização (Ortega & Sobel, 2010). No caso do presente trabalho, foram pesquisadas apenas famílias de pequenos produtores rurais.

Os contextos rurais estudados nesta pesquisa apresentam uma distância média de 25 km da cidade de Petrolina e possuem transportes públicos para fazerem o traslado até a esse município. Todos os três contextos apresentam escolas municipais, creches públicas, mercadinhos, igrejas, lojas de materiais de construção e, com exceção de um dos contextos, os demais têm postos de saúde. Dois deles têm ruas asfaltadas. As casas são feitas de tijolos, em sua maioria com três cômodos (quarto, banheiro e sala) com poucos móveis e com uma ampla área externa (terreiro).

Instrumentos utilizados

Questionário sociodemográfico. Para coletar informações pessoais das mães e das crianças, como idade, escolaridade dos pais, renda familiar, número de filhos, ordem de nascimento da criança, foi utilizado um questionário sociodemográfico.

Entrevista semiestruturada. Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada com nove perguntas baseadas na literatura sobre o desenvolvimento infantil e nos objetivos da pesquisa. Para este estudo foram consideradas quatro questões norteadoras: os aspectos importantes para o desenvolvimento infantil, a percepção sobre o desenvolvimento do filho, qualidades que a mãe gostaria que o filho tivesse quando crescesse e quais estratégias necessárias para o alcance dessas qualidades. As duas últimas questões foram baseadas no modelo de entrevista "*Socialisation Goals Interview*" (SGI) de Harwood, Shohmerich, Ventura-Cook, Shulze e Wilson (1996) e adaptada para o Brasil por Seidl-de-Moura et al. (2004).

Procedimentos

O referido projeto foi submetido ao comitê de ética em pesquisa com seres humanos, sob o número 22655413.0.0000.5188 e aprovado por esse comitê. A seleção dos participantes ocorreu de forma não probabilística, por meio de conveniência, por meio de visitas

diretas a suas residências, assim como mediante indicações de outros participantes e convidados a participarem da pesquisa. Cada participante foi informado sobre os objetivos da pesquisa, sua confidencialidade e o caráter voluntário da participação e, em seguida, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As entrevistas foram transcritas e submetidas à análise temática de conteúdo (Bardin, 2010), que consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado. As análises compreenderam a exploração e pré-análise do material, assim como a codificação mediante o uso de palavras e frases descritoras, considerando os critérios de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Posteriormente, foi realizada a frequência de respostas das mães em cada categoria e subcategoria, e calculado o percentual médio com base no número total de respostas obtidas em cada uma delas. Por fim, os resultados foram discutidos com base na literatura da psicologia do desenvolvimento, apresentada neste artigo.

No que se refere às metas de socialização, as respostas também foram discutidas com base nas categorias estabelecidas por Harwood et al. (1996) e traduzidas para o contexto brasileiro pelo grupo de pesquisa de Seidl-de-Moura (Bandeira et al., 2009), no intuito de compreender as dimensões culturais enfatizadas pelos participantes, apresentadas a seguir:

1. Autoaperfeiçoamento pessoal, profissional, independente - Expectativa de que o filho se torne autoconfiante e independente, e que desenvolva totalmente seus talentos e suas capacidades como indivíduo. Divide-se em três subcategorias: bem-estar emocional e físico (saiba lidar com os sentimentos, seja seguro, saudável); desenvolvimento do potencial pessoal e econômico (inteligente, profissional competente, sucesso na vida) e independência psicológica (assertivo, saiba tomar decisões).
2. Autocontrole - Preocupação com que a criança desenvolva a capacidade de controlar impulsos negativos de ganância, agressão ou egocentrismo.
3. Emotividade - Expectativa de que a criança desenvolva a capacidade para intimidade emocional com outros, e que seja amada. Divide-se em duas subcategorias: calor emocional (carinhoso, feliz, amigável) e relações próximas com a família (família unida).

4. Expectativas_sociais - Preocupação com que a criança atenda a expectativas sociais de ser trabalhador, honesto e seguidor das leis. Divide-se em duas subcategorias: evitar comportamento ilícito (não se envolver em más companhias, não roubar, não usar drogas) e valores sociais (honesto, trabalhador, responsável).
5. Bom comportamento - Preocupação com que a criança se comporte bem, se dê bem com os outros, e desempenhe bem papéis esperados (bom comportamento, bom pai, boa mãe, bom esposo, boa esposa), especialmente em relação à família. Divide-se em duas subcategorias: respeitar/ser educado (trate bem as pessoas mais velhas, tenha boas maneiras) e papeis familiares (um bom esposo/esposa, ajudar a família).

As metas de autoaperfeiçoamento e autocontrole expressam orientação cultural independente, e as metas de emotividade, expectativas sociais e bom comportamento caracterizam orientação cultural interdependente (Harwood et al., 1996).

As estratégias de socialização foram categorizadas conforme estratégias centradas em si, centradas no contexto e centradas na criança (Seidl-de-Moura et al., 2008). Estratégias centradas em si referem-se aos pais como modelos, como responsáveis por disciplinarem, aconselharem, ensinarem por demonstração ou participação. Estratégias centradas no contexto referem-se às boas oportunidades sociais que o contexto oferece, como, por exemplo, uma educação de qualidade. Estratégias centradas nas crianças referem-se à participação ativa da criança no processo de desenvolver determinadas qualidades por uma predisposição ou por uma autonomia de decidir o que fazer e que caminho seguir.

Resultados e discussão

É importante frisar que as categorias não são excludentes; logo, a soma das frequências pode ultrapassar o $n = 30$. A análise das respostas à entrevista semiestruturada possibilitou a elaboração das seguintes classes temáticas: *aspectos importantes para o desenvolvimento da criança; percepção sobre o desenvolvimento do filho; metas e estratégias de socialização para as crianças*. As duas primeiras classes temáticas referem-se às concepções de desenvolvimento segundo as mães participantes deste estudo.

Concepções de desenvolvimento: aspectos importantes para o desenvolvimento da criança

De acordo com as mães entrevistadas, e conforme ilustrado por trechos retirados das entrevistas com as mães em cada caso, os aspectos mais importantes para o desenvolvimento infantil são os cuidados com a saúde, 36,3%, “alimentar direito, dar banho, cuidar da saúde”; afetividade, 28,6%, “que possa crescer em meio ao amor das pessoas, da família, ter o carinho das pessoas próximas”; educação, 20,8%, “tá na creche pra depois ir pra escola, aprender a falar, eu acho que a creche ajuda bastante porque desenvolve mais a criança, ela fica mais inteligente” e a socialização, 14,3%, “brincar, conviver com outras crianças”. Em relação aos cuidados com a saúde, as mães apontam a importância da boa alimentação (53,5%), a saúde em geral (42,9%) e a higiene (3,6%). Sobre a afetividade, as mães relataram a importância do carinho/amor (41%), atenção (41%) e companhia dos pais (18%). Na categoria educação, a maior importância foi atribuída aos estudos (68,75%), seguida de estímulo ao desenvolvimento da criança (31,25%). Na categoria socialização, as mães relataram maior percentual para o brincar (36,4%), convivência social (36,4%) e ser educado (27,2%).

A saúde da criança é um dos principais fatores ressaltados pelas mães nos cuidados infantis. No contexto em que o acesso à saúde é precário, e diante das limitações financeiras que caracterizam essas famílias, cuidar da saúde da criança torna-se uma das principais preocupações relacionadas ao desenvolvimento infantil. Como apontam Harkness e Super (1994), as práticas de cuidado diário são construídas e valorizadas no meio sociocultural em que a criança vive, integradas em uma cultura mais ampla, tornando-se fonte de informações culturais. Assim, elas afetam e são afetadas pelas crenças dos cuidadores sobre o desenvolvimento infantil, como também influenciam e são influenciadas pela organização do ambiente físico e social. Além dos cuidados básicos com a saúde, as mães consideram importante o relacionamento afetivo com a criança, a educação, sobretudo a educação formal, e a socialização com familiares e outras crianças. Os resultados do estudo de Kobarg e Vieira (2008) com mães de zona rural e urbana também mostraram que as mães de zona rural enfatizaram a educação formal, seguida do respeito e os valores morais nas crenças sobre a educação dos filhos. Por outro lado, a afetividade, apontada por esses autores como meta associada a mães de nível socioeconômico

elevado, apresentou um percentual elevado para as mães do presente estudo. Esse resultado pode ser explicado pelo nível de escolaridade das mães estudadas, pois a maioria tem o 2º grau completo.

Concepções de desenvolvimento: percepção sobre o desenvolvimento infantil

Os primeiros anos de vida da criança são marcados por profundas mudanças no desenvolvimento em geral, e cada aspecto do desenvolvimento encontra-se inter-relacionado ao outro. Outrossim, o contexto sociocultural atua sobre o desenvolvimento humano, caracterizando-o como um processo complexo e bidirecional. Neste trabalho, a classe temática “*Percepção do desenvolvimento infantil*” será discutida a partir de aspectos que compõem esse desenvolvimento, conforme relatado pelas mães entrevistadas; porém, considera-se a interdependência entre cada um deles.

Os resultados mostraram que a maioria das mães falou sobre o desenvolvimento físico-motor dos filhos (26,8%), seguido do desenvolvimento social (25%), desenvolvimento da linguagem (21,4%), desenvolvimento emocional (13,4%) e desenvolvimento cognitivo (13,4%). Dentre os aspectos positivos do desenvolvimento físico-motor da criança, as mães relataram que seus filhos são ativos, estão se desenvolvendo bem, “Ela sabe tomar banho, usa o banheiro direitinho só não sabe se limpar muito bem, mas ela é muito ativa, se arruma, só não faz pentear o cabelo, calça a sandália, organiza os brinquedos”. Sabe comer só, andar de bicicleta e de velocípede”. No caso das crianças com mais de 24 meses de idade, elas relataram que conseguiram, com a supervisão de um adulto, realizar atividades de higiene pessoal e andar de bicicleta. Em relação aos aspectos negativos, as mães mencionaram que o filho era pequeno para idade que tem, “Acho ela bem pequenininha”.

As falas das mães estudadas enfatizam aspectos favoráveis do desenvolvimento físico motor dos seus filhos. Considerando que as expectativas sobre o desenvolvimento da criança variam de acordo com cada contexto cultural (Harkness & Super, 1994), é esperado que, em um contexto onde as crianças têm mais espaço físico e segurança para brincar livremente, como o não urbano, desenvolvam mais cedo habilidades relativas ao desenvolvimento físico-motor. Outrossim, como enfatizado por Keller (2012), as famílias de contexto não urbano, baseadas na agricultura de subsistência, tendem a estimular, desde a mais tenra idade, o desenvolvimento físico de seus filhos, para

que os mesmos se tornem membros autônomos em suas ações, capazes de cumprir responsabilidades e obrigações do grupo familiar e social.

Sobre os aspectos positivos do desenvolvimento social, destaca-se que para as mães os filhos gostam de interagir com outras crianças:

Ela gosta de tá (sic) com outras crianças, brinca, corre, brinca de rodinha, até de bola ela brinca com os meninos. Quando pega a bonequinha ela brinca com as meninas. Ela gosta de brincar muito onde tem muitos coleguinhas, ela não gosta de brincar sozinha.

“Toda hora que ele tá no terreiro, ele tá brincando com os outros meninos”. Os aspectos negativos apontados foram as brigas entre colegas, dificuldades para dividir os brinquedos e estranhar as pessoas, “Ele não gosta muito de dividir os brinquedos, eu creio que é porque ele passa muito tempo só”. Esses comportamentos são característicos de crianças na faixa etária dos filhos das mães entrevistadas, e importantes para o desenvolvimento da habilidade de se colocar no lugar do outro (Tamis-LeMonda et al., 2008).

Em relação ao desenvolvimento da linguagem, as mães destacaram apenas a produção oral da linguagem, não se referindo à comunicação gestual, o que é corroborado em outras pesquisas com crianças de outras faixas etárias em contexto urbano (Aquino & Salomão, 2011). Segundo as mães, os seus filhos conversam muito, falam bem, cantam.

Ela fala tudo. O meu menino não, mas essa menina é esperta, porque a menina ainda vai fazer três anos, fala tudo, pede tudo. O que ela tiver com fome ela pede. Mae eu quero comer, quero arroz, quero gagau.

Eu acho que ele está se desenvolvendo como uma criança normal, tudo, o passo a passo, o tempo de sentar, o tempo de... quando fala, quando chama o nome dele ele já olha. Ele se desenvolve normalmente como a maioria das crianças, porque cada criança tem seu tempo, de se desenvolver cada coisa, mas pra mim tá um desenvolvimento normal.

Em relação aos aspectos negativos, algumas mães relataram preocupação com a demora do filho em desenvolver a fala, “Ela fala pouco, fala as letras das vogais e dos números”.

É importante ressaltar que algumas mães participantes desta pesquisa têm filhos com idade inferior a 12 meses, período em que a produção linguística em

termos de fala está em processo de desenvolvimento. O desenvolvimento linguístico depende das características individuais da criança, das pessoas que interagem com ela e do contexto sociocultural em que vivem. A variação entre contextos é marcada pelos diferentes modelos de uso da linguagem que o meio social oferece. Esses modelos são apresentados segundo os modos de vida e os tipos de interações típicas do meio social dos indivíduos, ou seja, correspondem a seus hábitos e necessidades adaptativas (Salomão, 2012). Outrossim, como apontam Harkness et al. (2013), as expectativas que os pais ou outras pessoas que interagem com a criança possuem em relação ao seu desenvolvimento, influenciam as práticas de cuidado e interação. Podemos dizer que esse processo pode, também, repercutir na compreensão e produção linguística da criança.

Sobre o desenvolvimento emocional, as mães relataram que o filho é carinhoso, tranquilo, “Carinhosa, ciumenta, tem ciúme da irmã, só quer pra ela, mas ela é carinhosa, amiga, quando a irmãzinha cai ela ajuda ela, levanta, as duas são bem amigas”. Como aspectos negativos, apontaram a agressividade e o estresse.

Eu acho uma menina muito estressada, devido ela não sair, não ter contato com outras crianças, ela fica muito estressada. Se ela pudesse ela já estava estudando porque ela já sabe ler e escrever, mas eu acho que minha filha é muito estressada devido a isso.

Cabe ressaltar que a idade das crianças cujas mães foram aqui estudadas, especialmente a faixa etária entre 2 e 3 anos, caracteriza-se pela busca expressiva da autonomia e autoafirmação (Tamis-Lemonda et al., 2008), o que pode levar a violações das regras adultas e gerar conflitos com os pais. Desse modo, é importante considerar a perspectiva bidirecional dos processos interacionais, em que as características dos participantes interferem no comportamento do outro. Como apontam Yu e Gumble (2008), quando o comportamento da criança é interpretado como estressor, a responsividade do cuidado parental pode ser reduzida. Ademais, a expressão das emoções também depende dos modelos culturais de educação, como as crenças dos cuidadores e às práticas de socialização. Super e Harkness (1982) evidenciam a influência das crenças e valores parentais, assim como a estruturação dos cuidados parentais na organização dos nichos nos quais a criança desenvolve sua vida emocional. Para esses autores, cada fase da

vida apresenta uma variedade de configurações afetivas, reguladas pelas características individuais da criança, de seus cuidadores e do seu contexto cultural. O conjunto dessas características influencia como a criança se sente e como expressa seus sentimentos.

No que se refere ao desenvolvimento cognitivo, os aspectos positivos apresentados pelas mães foram: muito inteligente, esperto, entende tudo.

Ele gosta de fazer tudo, ele não pode ver a gente fazendo nada que ele quer fazer, ele faz igual. Se vir alguém mexendo numa bicicleta ele quer fazer também, em tudo, tudo, quer pegar o rodo pra passar pano na casa, puxar água, tudo ele quer fazer, muito esperto.

Ele é muito esperto, porque qualquer coisa que ele ver, ele se ver uma vez, ele aprende. O pai dele mesmo, ele só viu eu (sic) chamar o nome uma vez, e já começou a chama. Tudo que ele ver (sic) a pessoa fazendo ele quer fazer também, ele é inteligente, tem uma sabedoria.

Como aspectos negativos, mencionaram a lentidão para aprender certas coisas, “O desenvolvimento é diferente, eu acho um pouquinho lento”. O desenvolvimento cognitivo envolve o engajamento ativo das crianças nas práticas culturais de seu contexto de vida. De acordo com o estudo de Andrade et al. (2005), quanto melhor a qualidade da estimulação ambiental disponível para a criança, melhor o seu desempenho cognitivo. Esse autor acrescenta que o nível da escolaridade materna, medida em anos, relaciona-se positivamente com a qualidade da estimulação ambiental recebida pela criança.

Estudos (Seidl-de-Moura et al., 2004; Super & Harkness, 2002) mostram que as concepções ou crenças parentais sobre o desenvolvimento infantil influenciam as relações e práticas de cuidado da criança, exercendo impacto sobre o seu desenvolvimento. Como observado neste estudo, as mães apresentaram, em sua maioria, concepções positivas do desenvolvimento de seus filhos, o que pode implicar influências também positivas nas relações que estabelecem com os mesmos e nas metas de socialização traçadas para o futuro deles. No entanto, a relação entre as concepções, crenças e práticas de cuidado não é direta, tendo em vista que a interação entre a criança e seus cuidadores é construída de forma bidirecional, envolvendo características de ambos, assim como aquelas relacionadas ao contexto social e cultural em que vivem (Bornstein, 2012).

Metas e estratégias de socialização maternas

As metas de socialização priorizadas pelas mães do presente estudo foram respectivamente, autoaperfeiçoamento (49,5%), expectativas sociais (35,7%), bom comportamento (12,7%); emotividade (1,1%) e autocontrole (1,1%). Esses resultados corroboram aqueles encontrados por Ruela (2006) em que mães da zona rural valorizaram para os filhos metas voltadas para autoaperfeiçoamento e expectativas sociais, respectivamente.

A meta de socialização “autoaperfeiçoamento” desmembrou-se em três subcategorias:

- (a) *desenvolvimento do potencial pessoal e econômico, com 90,6%*. Que tenha um bom estudo, bom desenvolvimento, que se forme pra um dia mais lá na frente ele diga que a mãe dele ensinou ele a ir pra escola, ter um bom estudo, bom trabalho, que eles se formem pra ser um alguém na vida;
- (b) *bem-estar emocional e físico, com 4,7%*. “Que não seja uma pessoa estressada”;
- (c) *independência psicológica, também com 4,7%*. “Eu quero que ele seja um rapaz que sabe bem o que quer”. Resultado semelhante também foi encontrado por Ruela e Seidl-de-Moura (2007) com mães da zona rural do estado do Rio de Janeiro. Em relação à categoria “expectativas sociais”, 66,7% das respostas das mães foram para os valores sociais, “Uma pessoa de confiança, que faça as pessoas verem nela uma pessoa de caráter, uma pessoa digna, como eu, eu sou uma pessoa assim”; 26,2% para o bom comportamento do filho “Eu queria que ela fosse uma pessoa educada”; 7,1% para evitar comportamentos ilícitos, “que fosse diferente dos outros meninos que eu vejo por aqui hoje, tudo novinho bebendo, fumando cigarro, droga. Queria isso pra ele não”.

As metas de socialização apresentadas pelas mães deste estudo apresentam-se contrárias aos resultados de pesquisas que mostram o contexto não urbano como caracterizado, sobretudo, por metas de dependência e expectativas do grupo social (Tamis-LeMonda et al., 2008), e resultados que mostram a relação entre metas autônomas e contextos urbanos, especialmente grandes centros (Seidl-de-Moura et al., 2008). Observa-se, neste trabalho, que as mães do contexto não urbano estudado valorizam metas de socialização orientadas para o modelo autônomo-relacional (Kagitcibasi, 2007), na medida em que almejam que seus filhos alcancem

o autoaperfeiçoamento, como também atendam às expectativas sociais do grupo cultural em que vive. Uma explicação possível para esse dado é a aproximação do contexto não urbano estudado com demais contextos urbanos, tanto em termo de quilometragem como em termos do nível de escolaridade das mães. Ademais, é nesse contexto não urbano que está o berço do crescimento econômico do município estudado, por meio dos projetos de irrigação de fruticultura e vinicultura.

Desse modo, condizente com as considerações de Kagitcibasi (2012) e Tamis-LeMonda et al. (2008), as metas de socialização como a autonomia e a relação podem coexistir dentro de um mesmo grupo e/ou indivíduo, representando uma dependência funcional entre as metas de socialização. Logo, a relação entre as metas de proximidade do grupo familiar e social e autonomia podem representar a base para a realização pessoal e profissional.

A expectativa de metas voltadas para a autonomia dos filhos pode ser explicada pelas características sociodemográficas das mães estudadas, como o nível de escolaridade, pois a maioria tem o 2º grau completo. As pesquisas mostram que há uma relação entre o nível de escolaridade e as características das famílias, como as concepções sobre o desenvolvimento infantil (Biasoli-Alves, 2000) e metas voltadas para a interdependência (Kagitcibasi, 2005). As mães estudadas também apresentam poucos filhos, em média dois filhos por família, o que pode explicar a valorização de metas autônomo-relacionais. Além disso, a realidade econômica e sociocultural dos participantes desta pesquisa pode explicar a valorização de metas que orientem os filhos para a busca de um futuro melhor em relação à realidade em que vivem os pais, pois a maioria trabalha na roça e recebe apenas um salário mínimo. Por outro lado, tais metas apresentam-se atreladas à valorização de expectativas sociais, como os valores sociais e o bom comportamento. A combinação de metas de socialização voltadas para o autoaperfeiçoamento, autonomia e expectativas sociais pode, ainda, corresponder ao que Keller (2012) considera como característico de famílias de contexto não urbano, baseadas na agricultura de subsistência, em que a família prioriza a autonomia dos filhos, a relação e responsabilidade com o grupo social, para atender às necessidades e obrigações ligadas a este. Enfim, os resultados deste estudo corroboram as colocações da referida autora, ao mostrar que os modelos de socialização não são antagônicos, mas complementares, pois o relacionamento próximo e o respeito ao outro,

por exemplo, são importantes para o alcance do sucesso pessoal e profissional.

Ao questionar as mães sobre quais as estratégias utilizadas por elas para o alcance das metas de socialização desejadas para os filhos, no futuro, 60% de suas respostas centraram-se na responsabilidade das mães e 40% centraram-se na responsabilidade do contexto em que vivem. A categoria centrada na criança não apresentou nenhuma resposta. A categoria “centrada em si” significa que a mãe utiliza estratégias baseadas nos recursos próprios, como ser o exemplo para os filhos, disciplinar, ensinar a discernir entre o certo e o errado.

Eu tenho que me empenhar não é? Levar pra escola, sempre tá inteirada da vida dele no decorrer, quando ele crescer. Saber o que tá acontecendo na vida dele, tá participando de tudo na vida dele, de escola e na vida pessoal.

A categoria “centrada no contexto” significa que a mãe utiliza como estratégia de socialização dos filhos o contexto externo ao da família, como a escola, o trabalho, as experiências de vida, “Não andar com más companhias porque influencia muito”.

Como a maioria das mães estudadas não trabalha e passa a maior parte do tempo com seus filhos, elas são as principais responsáveis pelos cuidados e pela educação dos mesmos. Dessa forma, centram as estratégias de socialização em si mesmas. Diniz e Salomão (2010), em um estudo sobre metas e estratégias de pais e mães para os seus filhos, na cidade de João Pessoa, encontraram respostas com maior frequência para o uso de estratégias centradas em si e centradas no contexto, respectivamente. Outro estudo realizado por Moinhos, Lordelo e Moura (2007) com mães de nível socioeconômico médio e baixo da cidade de Salvador também mostraram que as mães adotam estratégias de socialização centradas em si, seguidas de estratégias centradas no contexto. Para Diniz e Salomão (2010), a idade da criança pode explicar a maior adoção de estratégias centradas em si por parte dos responsáveis pela criança, pois os primeiros anos de vida representam um período específico do desenvolvimento e requerem maiores cuidados e atenção.

Considerações finais

Este estudo proporcionou conhecimentos sobre o que as mães de um contexto não urbano pensam sobre o desenvolvimento de seus filhos e quais as metas de socialização que estabelecem para o futuro deles. Sua contribuição se expressa, sobretudo, por esse contexto

não urbano situar-se no interior de um município do nordeste, caracterizado por grandes mudanças socioeconômicas, onde a realização de pesquisas ainda é escassa. Os resultados encontrados evidenciam mudanças socioculturais no contexto não urbano em relação a décadas passadas, como o tamanho e a configuração da família, o nível de escolaridade dos seus membros, assim como a adaptação das concepções e metas de socialização às necessidades dessa realidade social e cultural. Tais mudanças podem ser explicadas pelo desenvolvimento econômico e pela maior aproximação entre o urbano e o não urbano, que caracterizam esse contexto.

Estudar as concepções de desenvolvimento e metas de socialização para os filhos torna-se importante na medida em que expressam características do nicho de desenvolvimento da criança e tem significativa influência sobre o seu desenvolvimento. Esse nicho varia dentro de um mesmo contexto sociocultural e conforme a criança se desenvolve, uma vez que apresentam novas características e necessidades que exigem diferentes interações com os pais, pressupõe-se também que essas concepções e metas de socialização afetarão as práticas de cuidado, assim como serão afetadas por elas (Harkness & Super, 1994). Outrossim, os resultados deste estudo podem contribuir para intervenções a nível educacional, de saúde e assistência social no contexto não urbano. Atribui-se como uma das limitações deste estudo a necessidade do complemento de outras técnicas de coleta de dados que possam proporcionar as relações entre as concepções e as práticas de socialização das mães. Logo, sugere-se para futuros estudos, a combinação da técnica da entrevista semiestruturada com outras técnicas, como a observação em campo e o delineamento longitudinal, no intuito de analisar as mudanças nesses processos ao longo do desenvolvimento infantil.

Referências

- Albuquerque, F. J. B., & Pimentel, C. E. (2004). Uma aproximação semântica aos conceitos de urbano, rural e cooperativa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10(2), 175-182. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a10v20n2>
- Andrade, S. A., Santos, D. N., Bastos, A. C., Pedromônico, M. R. M., Almeida-Filho, N., & Aquino, F. S. B., & Salomão, N. M. R. (2011). Percepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas de bebês. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 31(2), 252-267. doi: [org/10.1590/S1414-98932011000200005](http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932011000200005).
- Bandeira, T. T. A., Seidl-de-Moura, M. L., & Vieira, M. L. (2009). Metas de socialização de pais e mães para seus filhos. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 19(3), 445-456. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822009000300010&lng=pt&tlng=pt.

- Bardin, L. (2010). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70 Ltda.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (2000). Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 233-239. doi: 10.1590/S0102-3772200000300006
- Bornstein, M. (2012). Cultural approaches to parenting. *Parenting: Science and Practice*, 12, 212-221. doi:10.1080/15295192.2012.683359.
- Diniz, P. K. C., & Salomão, N. M. R. (2010). Metas de socialização e estratégias de ação paternas e maternas. *Paideia*, 20(46), 145-154. doi: 10.1590/S0103-863X2010000200002
- Goodnow, J. (1988). Parent's ideas, actions, and feelings: Models and methods from developmental and social psychology. *Child Development*, 59(2), 286-320. doi: 10.2307/1130312
- Harkness, S., & Super, C. M. (1994). Developmental niche: A theoretical framework for analyzing the household production of health. *Social Science and Medicine*, 38(2), 219-226. doi: 10.1016/0277-9536(94)90391-3
- Harkness, S., Super, C. M., Mavridis, C. J., Barry, O., & Zeitlin, M. (2013). Culture and early childhood development: implications for policy and programs. In P. R. Britto, P. L. Engle, & C. M. Super (Orgs.), *Handbook of early childhood development research and its impact on global policy* (pp. 142-161). Nova Iorque: Oxford University Press.
- Harwood, R. L., Scholmerich, A., Ventura-Cook, E., Schulze, P. A., & Wilson, S. P. (1996). Cultural and class influences on anglo and puerto rican mothers' beliefs regarding long-term socialization goals and child behavior. *Child Development*, 67, 2446-2461. doi: 10.1111/j.1467-8624.1996.tb01867.x
- Henrich, J., Heine, S. J., & Norenzayan, A. (2010). The weirdest people in the world? *Behavioral and Brain Sciences*, 33, 61-135. doi: 10.1017/S0140525X0999152X
- IBGE (2010). *Censo demográfico 2010*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recuperado de <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>
- Kagitcibasi, C. (2005). Autonomy and relatedness in cultural context: Implications for self and family. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36(4), 403-422. doi: 10.1177/0022022105275959.
- Kagitcibasi, C. (2007). *Family, self, and human development across cultures: Theory and applications*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Kagitcibasi, C. (2012). Sociocultural change and integrative syntheses in human development: Autonomous-related self and social-cognitive competence. *Child Development Perspectives*, 6(1), 5-11. doi: 10.1111/j.1750-8606.2011.00173.x
- Keller, H. (2012). Autonomy and relatedness revisited: Cultural manifestations of universal human needs. *Child Development Perspectives*, 6(1), 12-18. doi: 10.1111/j.1750-8606.2011.00208.x.
- Kobarg, A. P., & Vieira, M. L. (2008). Crenças e práticas de mães sobre desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 21(3), 401-408. doi: 10.1590/S0102-79722008000300008
- Macarini, S. M., Martins, G. D. F., Sachetti, V. A. R., & Vieira, M. L. (2010). Etnoteorias parentais: um estudo com mães residentes no interior e na capital de Santa Catarina. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(1), 37-45. doi: 10.1590/S0102-79722010000100006
- Moinhos, M. V., Lordelo, E. R., & Seidl-de-Moura, M. L. (2007). Metas de socialização de mães baianas de diferentes contextos socioeconômicos. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17(1), 114-125. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000100012&lng=pt&tlng=pt.
- Ortega, A. C., & Sobel, T. F. (2010). Desenvolvimento territorial e perímetros irrigados: avaliação das políticas governamentais implantadas nos perímetros irrigados Bebedouro e Nilo Coelho em Petrolina (PE). *Planejamento e Políticas Públicas*, 35, 87-118. Recuperado de <http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/198>
- Ramos, D. O., Seidl-de-Moura, M. L., & Pessôa, L. F. (2013). Jovens e metas para o futuro: uma revisão crítica da literatura. *Estudos de Psicologia*, 18(3), 467-475. doi: 10.1590/S1413-294X2013000300007
- Rogoff, B. (2005). *A natureza cultural do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Ruela, S. F., & Seidl-de-Moura, M. L. (2007). Um estudo do nicho de desenvolvimento de um grupo de crianças em uma comunidade rural. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 315-324. doi: 10.1590/S1413-73722007000200012
- Salomão, N. M. R. (2012). A fala dirigida à criança e o desenvolvimento linguístico infantil. In C. Piccinini & P. Alvarenga. (Orgs.), *Maternidade e paternidade: A parentalidade em diferentes contextos* (Vol. 1, pp. 151-167). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Seidl-de-Moura, M. L., Lordelo, E., Vieira, M. L., Piccinini, C. A., Siqueira, J. O., Magalhães, C. M. C., Pontes, F. A. R., Salomão, N. M., & Rimoli, A. (2008). Brazilian mothers' socialization goals: Intracultural differences in seven Brazilian cities. *International Journal of Behavioral Development*, 32(6), 465-472. doi:10.1177/0165025408093666
- Seidl-de-Moura, M. L., Ribas Jr., R. C., Piccinini, C. A., Bastos, A. C. S., Magalhães, C. M. C., Vieira, M. L., M. L., Salomão, N. M. R., Silva, A. M. P. M., & Silva, A. K. (2004). Conhecimento sobre desenvolvimento infantil em mães primíparas de diferentes centros urbanos do Brasil. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 421-429. doi:10.1590/S1413-294X2004000300004
- Simione, F. J. (2010). As inter-relações entre a família e o espaço rural e urbano: A determinação da renda familiar. In Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural - SOBER (Org.), *48º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural* (pp. 1-20). Campo Grande, MS.
- Super, C. M., & Harkness, S. (1982). The development of affect in infancy and early childhood. In: D. A. Wagner & H. W. Stevenson (Orgs.), *Cultural perspectives on child development* (pp. 1-19). San Francisco: Freeman.
- Super, C. M., & Harkness, S. (2002). Culture structures the environment for development. *Human Development*, 45(4), 270-274. doi: 10.1159/000064988
- Tamis-Lemonda, C. S., Way, N., Hughes, D., Yoshikawa, H., Kalman, R. K., & Niwa, E. Y. (2008). Parent's goals for children: The dynamic coexistence of individualism and collectivism in cultures and individuals. *Social Development*, 17(1), 183-209. doi: 10.1111/j.1467-9507.2007.00419.x
- Yu, J. J., & Gamble, W. C. (2008). Pathways of influence: marital relationships and their association with parenting styles and sibling relationship quality. *Journal of Child and Family Studies*, 17(6), 1-22. doi: <http://psycnet.apa.org/doi/10.1007/s10826-008-9188-z>

Lucivanda Cavalcante Borges, Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Doutoranda do curso de pós graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é Professora Adjunto I, do curso de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Endereço para correspondência: Av. José de Sá Maniçoba. Centro, Petrolina - PE, CEP 56304-917. Telefone: +55-87-2101-6868 ou +55-87-8844-5479. E-mail: luci.cborges@ig.com.br; lucivanda.borges@univasf.edu.br

Nádia Maria Ribeiro Salomão, PhD Educação - Manchester University (UK), com Pós Doutorado (UNCC) University of North Carolina Charlotte - USA, é Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. E-mail: nMrs@uol.com.br

Recebido em 06.Nov.14

Revisado em 13.Abr.15

Aceito em 04.Jun.15